

SOBRE A ANÁLISE SOCIOLÓGICA DOS GRUPOS PROFISSIONAIS: NOTAS TEMPORÃS

Carla V. Ribeiro Sales¹

CHAPOULIE, Jean-Michel. Sur l'analyse sociologique des groupes professionnels. *Revue Française de Sociologie*. Année 1973, Volume 14, Numéro 1, pp. 86-114.

Na mitologia grega, Órion foi um gigante caçador, o melhor entre os melhores a serviço de Ártemis, a deusa da vida selvagem e da caça. Segundo o mito, como punição por haver violentado a filha de um rei, Órion teve os olhos vazados, somente vindo a recuperar a visão tempos depois, quando se apresentou a Hélios, o deus do sol. Mais do que a Hélios, no entanto, a cura de Órion deu-se graças a Cedálio, jovem aprendiz, anão, que, sentado sobre os ombros do gigante, conduziu-o por todo o longo caminho até chegarem ao Leste – onde Órion expôs os olhos aos raios do sol nascente.

Foi possivelmente escorada nessa cena mitológica que a metáfora de anões sobre ombros de gigantes tornou-se um clássico nas ciências sociais: se verdades científicas são descobertas, se o progresso de um campo científico ocorre, é porque houve achados anteriores dos quais os pesquisadores partiram.² No quadro teórico-metodológico da sociologia das profissões, Jean-Michel Chapoulie pode ser considerado um Órion, sobre cujos ombros outros sociólogos subiriam, no decorrer dos anos, para melhor enxergar o fenômeno profissional – de modo específico, o fenômeno dos grupos profissionais.

¹ Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE – Recife, Brasil) e mestre em Ciência Política pela mesma instituição.

² Nas ciências sociais, provavelmente o uso mais explícito da metáfora seja feito por Robert King Merton, com *On the shoulders of giants: a Shandean postscript*, livro de 1965, em que são abordados o problema das prioridades na descoberta científica e as questões relacionadas à criatividade, à tradição, ao plágio e à transmissão do conhecimento.

Se a sociologia da década de 1930, então de inspiração predominantemente anglo-saxônica, assistiu a problemática profissional incrustar-se com solidez em seu terreno, pavimentado com o modelo funcionalista sobretudo dos trabalhos de Talcott Parsons e Robert King Merton – por sua vez inspirados nas lentes durkheimianas a partir das quais se enxergavam as profissões –, a sociologia das três décadas seguintes lançou-se ao desafio de, questionando os pressupostos daquele modelo, a ele somar outros, ainda que de uma posição marginal, mediante as pesquisas de interacionistas simbólicos como Everett Hughes e Howard Becker. O funcionalismo e o interacionismo, assim, constituíram, entre as décadas de 1930 e 1960, as duas abordagens clássicas componentes do quadro epistemológico da sociologia das profissões. Em princípios da década de 1970, porém, uma segunda fase no desenvolvimento da análise sociológica das profissões começa a despontar, caracterizada por leituras críticas à perspectiva funcionalista, com revisão dos resultados apresentados por seus teóricos e uma desconstrução dos pressupostos sobre os quais havia sido erigida. É justamente no cenário desse movimento revisionista que emerge o artigo *Sur l'analyse sociologique des groupes professionnels*, publicado em 1973, na *Revue Française de Sociologie*.

Professor de Sociologia da Educação da Universidade de Paris 1 – Panthéon Sorbonne, Jean-Michel Chapoulie produziu diversos trabalhos na esteira do modelo interacionista da segunda Escola de Chicago,³ mas nenhum outro, provavelmente, afigurou-se tão pioneiro para a sociologia das profissões quanto aquele de 1973: *Sur l'analyse sociologique des groupes professionnels* passou a constituir, desde então, referência obrigatória na literatura da área, estrangeira e nacional, seja quando se trata de

³ São exemplos o artigo de 1974, *Le corps professoral dans la structure de classe*, que deu seguimento à abordagem proposta em *Sur l'analyse sociologique des groupes professionnels*, e o artigo Everett C. Hughes *et le développement du travail de terrain en sociologie*, de 1984, assim como o livro *La tradition sociologique de Chicago: 1892-1961*, publicado em 2001.

robustecer críticas ao funcionalismo – e, em menor proporção, até mesmo ao interacionismo –, seja quando, tanto mais, trata-se de abordar os grupos profissionais e sua dinâmica. Eis, portanto, a pertinência desta resenha, ainda que venha a ser rotulada de temporã. A seguir, trago a lume a estrutura que sustenta o artigo – objeto de estudo, objetivo, hipótese, metodologia utilizada e recorte da análise –, para, na sequência, destacar os pontos axiais de cada uma das três sessões que o compõem.

Naquele artigo tão denso quanto original, Chapoulie volta-se para a questão epistemológica a respeito do objeto de uma sociologia da profissão docente – de modo especial, sobre o objeto de uma sociologia das profissões. Com a investigação epistemológica desse objeto em mente, coloca-se então o objetivo de proceder a um exame crítico das teorias que buscam compreender os corpos profissionais, com a intenção não de “proceder a uma síntese eclética (da qual a literatura sobre as profissões dá muitos exemplos), mas de construir os princípios de base do estudo sociológico de um corpo profissional como os professores” (p. 87).

Como hipótese de trabalho, propõe que o modelo profissional – expressão pela qual opta, em vez do termo “profissionalismo”, por entender que este costuma ser empregado em sentidos diversos e imprecisos, como na oposição profissionalismo-sindicalismo (p. 89) – “é, ao menos parcialmente, fundamentado na prática, e, portanto, nas características objetivas comuns às diferentes profissões” (p. 90). Para que se constituam os princípios da decodificação daquelas características objetivas, contudo, faz-se necessário “romper sistematicamente com representações sociais que, quanto ao fato de suas condições de produção, tendem a assumir uma forma abstrata geral e logicamente coerente, portanto próxima daquela de uma teoria científica” (p. 90). E é em virtude dessa necessidade de ruptura que, por metodologia, adota o método comparativo, elegendo, como recorte para sua análise, o campo docente francês – embora

dê rápidas pinceladas sobre os campos jurídico e médico – e as formações sociais capitalistas.

Em sua primeira sessão – *Das categorias da prática cotidiana à teoria dos corpos profissionais* –, o artigo elenca críticas robustas ao que Chapoulie refere-se como “teoria funcionalista das profissões” (p. 88). Do ponto de vista funcionalista, a existência de um estereótipo social amplamente difundido de associações profissionais representativas atuantes justificaria “o estudo das profissões como realização, mais ou menos perfeita, de um objeto teórico frequentemente qualificado, em uma terminologia weberiana, de ‘tipo ideal’ das profissões” (p. 88). No entanto, conclui, nenhum *métier* aproxima-se da descrição típico-ideal proposta pelo modelo funcionalista, devendo o princípio mesmo dos estudos que o adotam ser criticado, para que seja “ultrapassada a questão sem fim sobre as características essenciais das profissões e os dois problemas que derivam dela: aquele da lacuna de diversos corpos de *métier* ao tipo ideal e aquele da tendência (ou não tendência) à profissionalização” (p. 95). A teoria funcionalista das profissões nada mais seria, desse modo, que a reprodução da vida cotidiana (pp. 98-99) – rio que acabava desaguando no mar da proposta interacionista.

A segunda sessão do artigo – *As profissões como categoria da prática cotidiana* – traz um forte viés interacionista: enquanto a abordagem funcionalista visava “considerar a estrutura, o funcionamento dos grupos profissionais” (p. 88), a corrente interacionista, assumida pelas pesquisas de Hughes e seus alunos, na mesma época dos estudos funcionalistas, considera as profissões como objeto da prática cotidiana – “objeto convencional, na terminologia de Hughes; *folk concept*, na de Howard Becker” (p. 88) –, “o mundo vivido do trabalho” (HUGHES *apud* DUBAR, 1997, p. 138), que implica um juízo de valor e de prestígio por parte da sociedade, e não mais como um objeto de natureza simplesmente descritiva, à semelhança do que ocorria quando sob as

lentes do funcionalismo. Nesse tópico, Chapoulie argumenta que a decodificação das funções, das políticas e das ideologias das associações profissionais pode ser efetivada a partir de categorias de interpretação sistematicamente construídas e, em consequência, distintas daquelas que preexistem à sistematização das próprias associações profissionais. No entanto, diz, não é a “essa lógica que obedece a maior parte das pesquisas sobre associações profissionais, que compartilham a ilusão empirista da possibilidade de interpretar um discurso ideológico em suas próprias categorias” (p. 108), embora não deixem de trazer uma contribuição, na medida em que põem em evidência a importância do problema de cuja resolução eles mesmos furtam-se: o problema das relações segundo as quais podem ser comparados diferentes grupos profissionais.

No terceiro e último tópico do artigo – *As condições do emprego do método comparativo para o estudo dos grupos profissionais* –, a ênfase da análise recai justamente sobre a possibilidade de se abordarem as relações entre grupos profissionais a partir do método comparativo. Nem só funcionalismo nem só interacionismo: Chapoulie propõe outra abordagem para o estudo dos grupos profissionais, a qual analisaria suas relações objetivas com a estrutura de classe – as funções sociais de diferentes grupos, a origem social de seus membros e suas mobilidades social e profissional. É a partir da interpretação que faz das análises funcionalistas e interacionistas, portanto, que propõe não o estudo das relações sociais mantidas pelos membros das profissões, à semelhança do que fazem as pesquisas inspiradas no interacionismo, mas o estudo das “propriedades que os corpos profissionais têm em sua posição na estrutura de classe” (p. 114), de suas relações objetivas para com essa estrutura.

São duas as principais conclusões do artigo: primeiramente, a noção de que os grupos profissionais não devem ser estudados como realizações do mesmo tipo de divisão

do trabalho ou, dito de outro modo, como um tipo ideal de profissões; em segundo lugar, a noção de que, para estudar as categorias de agentes que são dadas para profissões, ou seja, *métiers* qualificados cujos membros geralmente pertencem às classes médias, é necessário analisar suas relações objetivas com o sistema de classes sociais, que são o produto das funções sociais que eles desempenham e a adesão da classe (CHAPOULIE, 1974, p. 156).

Para além das sementes de um paradigma mais amplo, que viesse a articular profissões, mercado e Estado, ou mesmo considerar a hipótese de um sistema de profissões – sementes que vingariam nas teses de teóricos como Larson (1977) e Abbott (1988), respectivamente, anos depois –,⁴ o gênio de Chapoulie em *Sur l'analyse sociologique des groupes professionnels* repousa nisto: seu foco analítico concentra-se nos grupos profissionais, nos grupos reais, e não nas profissões enquanto simplesmente objeto da prática cotidiana, na esteira dos interacionistas. A definição rigorosa por ele sugerida para o termo profissão é responsável por uma verdadeira inflexão no modo como até então se costumava compreender o fenômeno profissional – nele, a “profissão é um grupo social específico, organizado e reconhecido que ocupa uma posição elevada baseada numa formação longa” (DUBAR, 1997, p. 131).

Em anos recentes, a análise sociológica dos grupos profissionais vem constituindo uma área em forte expansão na sociologia – mais notavelmente, na sociologia francesa. Conquanto estudos cujo foco de análise incidam sobre grupos profissionais

⁴ Creio ser possível conjecturar que as colocações que Chapoulie (1973) faz sobre a “variedade das condições de mercado de serviços produzidos pelos corpos profissionais” (p. 109), as características objetivas dos *métiers*, quais sejam, filiação às classes médias e qualificação da força de trabalho, “que permite limitar a concorrência” (p. 112), e a hipótese de que “a constituição de um monopólio sobre uma esfera de atividade [...] exige justificativas” (p. 96) de algum modo contribuíram para o uso que Larson (1977) faz dos elementos teóricos “mercado”, “fechamento social” e “monopólio”, respectivamente. Conjectura semelhante, ainda, caberia em relação a Abbott (1988), que pode ter vislumbrado no “sistema de funções objetivamente preenchidas pelas associações profissionais” (CHAPOULIE, 1973, pp. 106-107) um germe de seu sistema de profissões.

ainda sejam raridade, aqueles desenvolvidos por sociólogos como Champy (2006 e 2009), Demazière e Gadéa (2009), Hénaut (2011) e Vezinat (2010 e 2016), para citar alguns exemplos, podem ser considerados legítimos representantes dessa atual tendência da sociologia das profissões. Todos dando continuidade à guinada que Chapoulie conferiu à compreensão do fenômeno profissional. Todos, em maior ou menor proporção, qual Cedálon assentado sobre os ombros do gigante.

Referências Bibliográficas

- ABBOTT, Andrew. 1988. *The system of professions: an essay on the division of expert labor*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- CHAMPY, Florent. 2009. *La sociologie des professions*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CHAMPY, Florent. 2006. *La sociologie française des “groupes professionnels”*: ascendance interactionniste, programme épistémologique dominant, ontologie implicite. Centre de Sociologie du Travail et des Arts – École des Hautes Études em Sciences Sociales / Centre d’Études Sociologiques de la Sorbonne – Université Paris IV, pp. 1-16.
- CHAPOULIE, Jean-Michel. 1973. Sur l’analyse sociologique des groupes professionnels. *Revue Française de Sociologie*, vol. 14, n. 1, pp. 86-114.
- CHAPOULIE, Jean-Michel. 1974. Le corps professoral dans la structure de classe. *Revue Française de Sociologie*, vol. 15, n. 2, pp. 155-200.
- CHAPOULIE, Jean-Michel. 1984. Everett C. Hughes et le développement du travail de terrain en sociologie. *Revue Française de Sociologie*, vol. 25, n. 4, pp. 582-608.
- CHAPOULIE, Jean-Michel. 2001. *La tradition sociologique de Chicago: 1892-1961*. Paris: Éditions du Seuil.
- DEMAZIÈRE, Didier ; GADÉA, Charles. 2009. *Sociologie des groupes professionnels: acquis récents et nouveaux défis*. Paris: Éditions La Découverte.
- DUBAR, Claude. 1997. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora.
- HÉNAUT, Leonie. 2011. Capacités d’observation et dynamique des groupes professionnels: la conservation des oeuvres de musées. *Revue Française de Sociologie*, vol. 52, pp. 71-101.
- LARSON, Magali Sarfatti. 1977. *The rise of professionalism: a sociological analysis*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.
- VEZINAT, Nadège. 2010. Une nouvelle étape dans la sociologie des professions em France: bilan critique autor des ouvrages de Didier Demazière, Charles Gadéa (2009) et Florent Champy (2009). *Sociologie*, vol. 1, n. 3, pp. 413-420.
- VEZINAT, Nadège. 2016. *Sociologie des groupes professionnels*. Malakoff: Armand Colin.